

Hospitais ameaçam atender apenas casos de emergência

William França

Alilton C. Freitas

Os diretores dos hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal ameaçaram restringir o atendimento à população apenas à área emergencial — paralisando o serviço ambulatorial e eletivo em toda a rede —, caso não haja melhoria nas condições de trabalho e a reposição assegurada de materiais e medicamentos. A decisão, embora não tenha sido de consenso, foi tomada durante reunião com 10 dos 12 diretores de hospitais, convocada pelo Conselho Regional de Medicina (CRM), na manhã de ontem. De acordo com Márcio Horta, presidente do CRM, a reunião foi para ouvir “de viva voz” as queixas dos diretores sobre a atual situação da rede hospitalar, além de evitar que sejam tomadas decisões extremistas e radicais, ferindo o Código de Ética Médica.

Embora a classe médica só vá tomar uma medida conjunta após a realização de uma assembleia na próxima segunda-feira, às 19h00, no auditório do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), os diretores de hospitais consideram “imoral” a atual situação da rede, e garantem que só vão trabalhar no que for possível. “Sente-se que não há muito interesse do governo em resolver esse problema”, diz Maurício Cariello, diretor do Hospital de Base (HBB), referindo-se à crise que atingiu também outros estados.

Para Cariello, há um receio dos diretores em se deixar apenas o setor emergencial funcionando. “Isso interessa ao Governo, porque assegura um mínimo de atendimento à população”, diz o diretor, fazendo menção a um artigo do Código de Ética Médica, que impede a paralisação do atendimento emergencial. Essa decisão, segundo Cariello, ampliará o atendimento na área de 15 para 50% dos casos. “Não é essa a nossa intenção. Nossa política é de investir em ações básicas”, rebate o secretário de Saúde, Hilton Barroso, ao lembrar que o atendi-



A crise da rede hospitalar deixa irritada a classe médica
mento a um paciente no setor de emergência torna-se mais caro de que no ambulatório.

Verbas

O secretário de Saúde espera que na próxima semana a situação nos hospitais seja aliviada, com a chegada de medicamentos e materiais para atendimento. “Usaremos Cr\$ 118 milhões repassados pelo GDF para compra de alimentação e de medicamentos”, diz Hilton. Ele anunciou também que desde ontem encontram-se disponíveis na conta da Fundação Hospitalar recursos na ordem de Cr\$ 89 milhões, repassados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que serão usados para pagamento de terceiros. Esta verba, no entanto, está chegando com um atraso de três meses — deveria ter sido repassada em janeiro para o primeiro trimestre deste ano — e representa apenas 14,8% da necessidade, estimada em Cr\$ 600 milhões.

Essas verbas, segundo o secretário, servirão para abastecer a Fundação Hospitalar por mais 15 ou 20 dias. Durante este período, caberá ao GDF e ao Ministério da Saúde buscarem novos recursos para manter a rede funcionando.

Médico acusa ex-secretário

“A culpa pela falta de soro glicosado, novalgina e outros medicamentos básicos é do ex-secretário de Saúde, Milton Menezes e do ex-governador Joaquim Roriz”. A acusação foi feita ontem pelo presidente do Conselho Regional de Medicina, Márcio Horta, dizendo-se surpreso com o caos em que se encontra a Fundação Hospitalar. “Eles provocaram uma situação em que a população hoje agride os profissionais, porque não acredita que o sistema está falido, já que eles fizeram tanta propaganda dizendo que a saúde estava recuperada. Ela está é no caos, completa Márcio.

Milton Menezes caracterizou a crítica como sendo de conotação política. “Recebemos menos da metade dos recursos de que precisávamos através do Inamps”, disse o ex-secretário. Ele acrescenta que, além da escassez de recursos houve ainda o crescimento de 20% no atendimento na rede.